



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

INCLUSÃO DE ACADÊMICOS COM DEFICIÊNCIA SENSORIAL NO ENSINO SUPERIOR

Simoni Tedesco - UFJF

Mylene Cristina Santiago - UFJF

RESUMO

Com foco destacado para a Inclusão no Ensino Superior, este trabalho trata-se de uma pesquisa de Mestrado em andamento que surge no intuito de investigar, na Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, como os estudantes com deficiência sensorial enfrentam as barreiras que lhes são impostas no Ensino Superior. Diante disso se faz necessário analisar a visão dos graduandos com deficiência sensorial para saber através de suas próprias narrativas como tem acontecido o seu processo de inclusão e como a UFJF está se organizando para atender a essa demanda. Para tanto, o estudo foi estabelecido através da importância de ouvir os estudantes com deficiência, com foco em Cegos, Baixa Visão e Surdos da instituição e trazer os benefícios atribuídos a eles quando passam por um prévio processo de escuta antes do ingresso e no decorrer da graduação. Em vista disso, o estudo busca perceber que ganhos as ações de reconhecimento desses estudantes podem trazer à aprendizagem, e as implicações nos processos de permanência, sucesso e conclusão da graduação. É uma pesquisa qualitativa com metodologia proposta com Pesquisa Narrativa com foco em pesquisadores como Muylaert (2014), Godoy (1995). A pesquisa encontra-se na fase das entrevistas. Conforme a investigação, serão construídas hipóteses que permitam uma nova compreensão acerca do próprio trabalho realizado pela instituição, que deve ser minuciosamente refletido a partir das especificidades dos estudantes com deficiência considerando as interseccionalidades que caracterizam cada ser como único dentro do ambiente social e na universidade.

Palavras-chave: Ensino Superior, Deficiência Sensorial, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A inclusão no Ensino Superior pode ser um debate de atravessamentos, visto que há uma entrada atípica de estudantes com demandas únicas que não estão padronizadas. O objetivo da pesquisa é investigar como os estudantes com deficiências sensoriais, com foco nos Surdos, Cegueira e Baixa Visão que podem estar associadas a outras deficiências, enfrentam as barreiras que lhes são impostas no Ensino Superior na UFJF. Conforme o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004:

Deficiência Sensorial enquadra aquelas que se relacionam ao funcionamento de pelo menos um dos sentidos da visão ou audição, que estejam inseridas em situação de perda total ou parcial das funções e impeçam a pessoa de desenvolver plenamente suas atividades (Brasil, 2004).

Para conduzir a pesquisa será necessário promover ações de escuta com os próprios estudantes que vivenciam o processo de inclusão nos cursos de graduação. Diante das entrevistas com graduandos com deficiências sensoriais, através de suas narrativas, serão



XXII ENCONTRO NACIONAL DO PROCESSO DE INCLUSÃO INDIVIDUALIZADA e como a UFJF está se organizando para atender a essa demanda específica por meio das ações desenvolvidas pelo NAI. Neste sentido, Amorim, Antunes e Santiago (2019, p. 7) pontuam que:

(...) o processo de inclusão é contínuo e infindável, necessitando de envolvimento dos coletivos diversos e implementação de projetos que busquem inovar, no sentido de buscar novas estratégias na produção de materiais adaptados e viabilização de maior participação possível dos alunos ingressantes na UFJF na vida universitária.

Para tanto será importante considerar o conceito de interseccionalidade que, de acordo com Collins e Birge (2020, p. 20), é

uma importante ferramenta analítica oriunda de uma práxis-crítica em que raça, gênero, sexualidade, capacidade física, status de cidadania, etnia, nacionalidade e faixa etária são construtos mútuos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais.

Outro termo que geralmente descaracteriza a inclusão das pessoas com deficiência é o Capacitismo que, de acordo com Sasaki (2014) “está focalizado nas supostas capacidades das pessoas sem deficiência” como referência para mostrar as supostas “limitações das pessoas com deficiência”. O próprio ato de egresso das pessoas com deficiência no Ensino Superior, por si só, é visto por parte da sociedade como um ato capacitista.

Pensando nessas singularidades de cada sujeito com deficiência e a importância de ressignificá-las ao criar propostas inclusivas, a abordagem qualitativa de pesquisa será utilizada para analisar as práticas inclusivas de estudantes com deficiência sensorial dentro da UFJF por considerar que: “enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p.23).

A possibilidade de investigar novas experiências que podem surgir durante a pesquisa de campo contempla o objetivo da presente pesquisa, que é propor uma análise dos fatos relatados pelos entrevistados tendo como ponto de partida algumas perguntas guiadas pelo pesquisador que servirão de disparador das discussões.

Para que se tenha a possibilidade de observar esses preciosos detalhes ao se tratar de uma pesquisa qualitativa, usaremos o recurso de entrevistas narrativas por considerar que o processo de histórias vividas e narradas pelos sujeitos “se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis [...] Portanto, a pesquisa narrativa se apresenta como uma



XXII ENCONTRO importante e significativa possibilidade de pesquisa em educação (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 1).

METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada para identificar quais são os limites e possibilidades para a implementação das políticas de inclusão na UFJF, será através de um diálogo com a coordenação do Núcleo de Apoio a Inclusão- NAI onde será realizado o levantamento dos alunos com deficiência sensorial, matriculados na UFJF e o curso em que estão matriculados. Ressaltamos que esta pesquisa é um desdobramento da pesquisa “Ensino remoto emergencial durante a pandemia: acessibilidade e inclusão no ensino superior”, com aprovação no comitê de ética, parecer nº 4.747.016. De acordo com Faustich (2018, p. 32)

Metodologia e princípios pedagógicos estão em estreita relação de sucesso. Essa afirmativa é justificada pelo caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas de aula com estudantes surdos, na acessibilidade entre instituições e consolida o ensino e a aprendizagem de estudantes da educação especial.

Pensando nisso, outra ação de extrema importância será a escuta desses estudantes que vivenciam diariamente as circunstâncias de ser pessoa com deficiência dentro de uma instituição de Ensino Superior pública. Através dessas escutas poderá ser possível compreender em quais camadas interseccionais esses sujeitos estão simultaneamente inseridos e como elas podem potencializar ainda mais a segregação quando associadas à deficiência, através de processos capacitistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a coleta de dados das entrevistas em andamento, já é possível ter algumas informações sobre os processos inclusivos na UFJF. Para isso, será apresentado parte da entrevista com “J”. O entrevistado se identifica como Homem Cis, Negro. Em sua primeira graduação, está cursando o sétimo período do curso de Jornalismo. Foi estudante em escola pública e logo que terminou o ensino médio ingressou na UFJF através da política de cotas para pessoas com deficiência. Ele é natural da cidade de Juiz de Fora, mora em um bairro distante da UFJF e depende do transporte público para chegar à universidade.

No início da entrevista se identificou como cego congênito devido a perda visual acontecer ainda nos primeiros meses de vida quando foi diagnosticado aos cinco meses com

Passou por dois processos cirúrgicos de Enucleação e Evisceração para a retirada do globo ocular antes de completar seu primeiro ano de vida. É considerado cego por não ter nenhum resíduo visual e necessita da guia para sua locomoção.

Durante os diálogos, na primeira reflexão “Como que tem sido seu acesso e permanência na UFJF”, diferente da reação dos outros entrevistados, “J” começou sorridente e disse: Eu acho que o meu acesso está sendo muito tranquilo principalmente porque no começo, lá atrás quando eu entrei na faculdade, já me foi solicitado o que eu precisava, o que eu queria. (Entrevista, 2024)

Depois da primeira resposta, em meio aos sorrisos e expressões corporais que demonstravam muito interesse em participar da pesquisa, “J” fez um questionamento. Disse que a participação dele talvez não seria de acordo com as respostas esperadas pois, no diálogo com outros colegas com deficiência visual, percebe que é muito feliz no seu curso por considerar que tem boa parte da acessibilidade necessária e que a maioria dos colegas não têm essa percepção fazendo-o ouvir muitas falas negativas sobre acessibilidade. Acredita que, como a universidade é um espaço grande e diverso, cada curso tem suas próprias dinâmicas sobre inclusão e se considera sortudo por ter professores que dialogam e buscam sempre compreender quais são as formas de acesso que ele necessita para participar das atividades.

Outro destaque são os estudantes da turma que também são solícitos e colaboram quando percebem que ele está precisando de apoio. É interessante que, em todo momento, considera que a ajuda precisa ser limitada. Não deseja nada pronto enfatizando a necessidade de autonomia para participar ativamente das ações, bastando para isso ter os instrumentos certos.

Em resumo, após um diálogo agradável que durou aproximadamente quarenta e cinco minutos, em que “J” aparentava tranquilidade e bom humor, umas das coisas que o inquietou foi quando se referiu ao Sistema Integrado de Gestão Acadêmica-SIGA da UFJF. Esse foi um ponto de destaque quando se referiu a acessibilidade digital. Em suas palavras ele considera que:

O SIGA é a parte que deixa muito a desejar, muito mesmo. Então, é uma parte não muito acessível da academia. Eu aprendi a usar porque tinha que usar... Assim ficar pedindo as pessoas: Ah, me ajuda a fazer matrícula, não sei o que, faz isso, faz aquilo, eu tive que aprender a mexer, não é uma página muito amigável o SIGA, então eu acesso um pouco, eu não acesso tanto o conteúdo da biblioteca virtual mais por causa disso. Eu faço o que tem que fazer lá.

Finalizando a entrevista, “J” praticamente fez um apelo. Nesse momento ele mudou o semblante, ficou sério, demonstrava preocupação,



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

Então o que eu diria para a universidade como um todo, eu acho que é uma coisa legal acessibilizar e colocar os recursos que eu tenho lá dentro da FACOM em todos os cursos. Eu falo na questão do espaço, eu falo na questão do ambiente, a questão de acessibilidade, assim o básico: piso tátil, elevador, não sei o que, braile, eu acho que é uma coisa que deveria ser incluída em todos os espaços da Universidade. Porque a gente não nunca sabe quem vai entrar lá, quem vai começar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista realizada com “J”, teve caráter exploratório e nos acenou sobre os avanços institucionais que têm ocorrido na UFJF, no que tange ao processo de inclusão de alunos com deficiência sensorial no ensino superior. Entretanto, o entrevistado apresenta barreiras de acessibilidade, que ainda precisam ser superadas, para que todos os estudantes e comunidade acadêmica tenham acesso aos espaços e atividades desenvolvidas no campus.

Percebemos que o Núcleo de Apoio à Inclusão tem desempenhado importante função no desenvolvimento de políticas de acessibilidade e de permanência nos estudantes com deficiência no ensino superior. Por fim, acreditamos que este trabalho possa contribuir para ampliar a visibilidade dos estudantes em questão, pois as entrevistas permitem que suas percepções e experiências sejam conhecidas e que, a partir delas novas possibilidades sejam redimensionadas no que se refere à participação e aprendizagem no espaço acadêmico.

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. C.; ANTUNES, K. C. V.; SANTIAGO, M. C. Inclusão no ensino superior: um processo em pauta na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 21, n. 2, p. 334–348, 2019. p. 7

BRASIL. Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004.

CLANDININ, D. J. & Connelly, F. M. (2015) **Pesquisa narrativa**: experiências e histórias na pesquisa qualitativa. 2. ed. tradução grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ileel/ufu. Uberlândia: Udufu, 250 p. Repositório Digital UNIP.

COLLINS, Patricia Hill, BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf Acesso em 19 de jul. de 2023.

FAULSTICH, Enilde. **Terminologia**: A disciplina da nova era na formação de profissional de língua de sinais. INES, Revista Espaço, Rio de Janeiro, nº 49, jan-jun, 2018. p.32

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 21- 22- 23, 1995.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Capacitismo, incapacitismo e deficientismo na contramão da inclusão**. Reação: Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, v. 96, n. 7, p. 10-12, jan./fev.



2014. Disponível em: <https://revistaacao.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ED96.pdf>.
Acesso em: 15 out. 2023.